

ESCOLHAS UNIVERSITÁRIAS E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL: ALGUMAS ACHEGAS FILOSÓFICAS E EDUCACIONAIS

Ana Kaline da Silva Barbosa¹

Francisco Renato Lima²

Revista Saberes e Sabores Educacionais

Revista do Curso de Pedagogia

Centro Universitário FAI – Uceff

¹ Bacharel em Direito (UNIFSA). Especialista em Docência do Ensino Superior (UNIFSA) e Ciências Forenses – Perícia Criminal (INCURSOS). Escritora, *Copywriter* e Assessora Especial de Expansão da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra do Estado do Piauí (ADESGPI). E-mail: aninhakalinesb@hotmail.com

² Doutorando em Linguística (UNICAMP). Mestre em Letras - Estudos da Linguagem (UFPI). Graduado em Pedagogia (UNIFSA) e Letras - Português/Inglês (IESM). Professor Substituto da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Coordenador de disciplinas do Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD/UFPI). E-mail: fcorenatolima@hotmail.com

RESUMO

Neste estudo, tem-se como objetivo, entender as engrenagens educacionais e como a escolha de um curso superior, pautando-se apenas em lucro e status, podem ser danosas para o funcionamento da sociedade, quando, por exemplo, o profissional se insere no mercado de trabalho. Do ponto de vista metodológico, constitui-se de uma pesquisa descritiva, bibliográfica e de abordagem qualitativa, tendo como sustentáculo teórico, o pensamento de um dos maiores pensadores da humanidade, o filósofo Platão, subsidiado pela leitura de autores, como Chauí (2003), Delors (1998), Freire (1979), Guiraldeli Junior (1957), entre outros. Essa análise filosófica permitiu aproximar-se do entendimento de como uma educação superior deve ser construída, de modo que os discentes se tornem profissionais realmente atuantes na sociedade. Nesse cenário, as relações entre sociedade e Ensino Superior ocorrem por meio de influências mútuas, por meio do atravessamento de ideias entre as concepções de sociedade, educação, currículo e ensino, o que requer, portanto, uma compreensão filosófica da educação, de modo que, no Ensino Superior, se possa ter, tanto a formação profissional, conforme as exigências do mercado de trabalho, como, principalmente, uma formação cidadã e emancipada.

Palavras-chave: Sociedade. Educação Superior. Desenvolvimento profissional. Filosofia.

ABSTRACT

In this study, the objective is to understand the educational gears and how to choose a higher education, based only on profit and status, can be harmful to the functioning of society, when, for example, the professional is inserted in the job market. From a methodological point of view, is developed through descriptive, bibliographical and qualitative approach, with the theoretical support of the thought of one of the greatest thinkers of humanity, the philosopher Plato, supported by reading authors such as Chauí (2003), Delors (1998), Freire (1979), Guiraldeli Junior (1957), among others. This philosophical analysis allowed us to approach the real understanding of how an education should be guided so that its students become professionals really active in society and higher education occur through mutual influences, through the crossing of ideas between conceptions of society, education, curriculum and teaching, which therefore requires a philosophical understanding of education, so that, in higher education, one can have both vocational training, according to the demands of labor market, but above all, a citizenship and emancipated formation.

Keywords: Society. College education. Professional development. Philosophy.

Considerações Iniciais

O processo de direcionamento da carreira está presente em sentidos pessoais e particulares da escolha inicial do curso superior, e a valorização da futura carreira se desloca através de diferentes referenciais, das vivências no contexto universitário e familiar, e, daquilo que dizem para os formandos sobre a profissão, passa-se para um discurso do sujeito que se apropria e ressignifica suas decisões. Na universidade, a dimensão da formação profissional configura-se em um projeto; [...]. Esse projeto de futuro profissional pode se concretizar a partir de estratégias de enfrentamento do medo do mercado de trabalho.

(DIAS; SOARES, 2012, p. 279)

São vários os quesitos e fatores que influenciam a formação e o funcionamento da sociedade, mas como isso ocorre é que faz com que esse meio social seja realmente satisfatório para seus cidadãos. Nesse cenário, um dos mecanismos que faz essa sociedade se movimentar é a educação, tanto a básica, quanto a superior. Assim, quando os alunos saem dessa última etapa do sistema escolar e se inserem como parte da movimentação social – no mercado de trabalho –, é que as engrenagens equivocadas, decorrentes das escolhas feitas, começam a interferir no mau funcionamento social. Assim, a sociedade pode ser vista como uma máquina, como retratado no filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin, que mostra uma engrenagem fora do lugar, a qual deixa a máquina completamente descompensada, dominando o humano.

Assim, a reflexão na epígrafe, a partir de Dias e Soares (2012) reflete os sentidos sociais e, sobretudo, pessoais envolvidos na escolha da carreira profissional. Quando as pessoas resolvem escolher que curso farão nas Instituições de Ensino Superior (IES) (universidades, centros universitários, faculdades, institutos etc.), raramente analisam o que realmente a sociedade onde estão inseridos está precisando em termos de profissão e quais já estão saturadas e impedem a integração satisfatória desses alunos na máquina social. Isso também é alimentado por uma visão social, baseada em títulos e em um

mercado educacional mercenário, pautado apenas no lucro e em quais profissões atraem mais públicos e mais renda financeira.

O fato é que, essa escolha que, aparentemente, diz respeito apenas à qual profissão irá seguir, interfere em todos os setores sociais, pois acaba criando profissionais obsoletos e que não conseguem exercer suas profissões em um mercado saturado, de modo que migram para outros setores e pouco contribuem no que realmente deveriam. Por conta disso, se sentem frustrados, fazem outros cursos superiores, passam a inchar o setor do desemprego, movimentam a educação a distância e, o mais grave, se tornam cidadãos que não ligam para os acontecimentos do país e pouco fazem para um crescimento social saudável e justo.

Essa breve exposição do tema, tem o intuito de mostrar uma visão de como uma educação superior mal direcionada e pautada simplesmente em *status* e enriquecimento rápido (sem muito esforço) podem desaguar em uma sociedade doente, na qual seus cidadãos pouco sabem sobre o poder de mudança social que possuem e acabam se contentando com uma vida pautada no “tentar sobreviver” e no “não tenho tempo para questões sociais”.

A educação deve ser vista, não apenas como um meio de sucesso financeiro, atribuindo-lhe apenas um valor mercadológico, uma vez que, ela funciona, sobretudo, como um meio de transformação social e de movimentação eficiente e crescente de seus setores.

Neste estudo, discute-se a educação como um poderoso instrumento de movimentação e modificação social, provocador de mudanças. Essa discussão já foi anunciada há alguns séculos, por grandes pensadores da humanidade, como Platão e seu mestre Sócrates, que demonstraram que uma educação bem aproveitada e bem escolhida representa um dos pilares principais para sustentar uma sociedade pautada em princípios de igualdade e justiça social.

Sociedade e ensino superior: um *contínuun* (inter) relacional e de influências recíprocas

A educação, conforme Luckesi (1994) *apud* Lima e Rego (2018), quando relacionada à sociedade, pode assumir um desses três sentidos: redentora, reprodutora ou transformadora. A primeira diz respeito a uma educação que olha a sociedade “de fora”, como se não pudessem se unir, pois esta depende daquela para desenvolver habilidades, lapidar os valores éticos e “adaptar o indivíduo a sociedade”. Já a segunda, apenas reproduz as mazelas sociais, pois está integralmente inserida socialmente e, por isso, apenas “fotocopia” as “ações” sociais e as “passa” adiante. Enquanto a terceira, diz respeito a uma educação que, além de fazer parte da sociedade, se preocupa em agir para ajudar em seu desenvolvimento saudável e, acima de tudo, não nega a importância educacional para uma sociedade justa e, realmente, democrática (LIMA; REGO, 2018).

Não se pode separar educação e sociedade, sem que esta tenha um prejuízo inegável, pois os parâmetros a serem discutidos dos portões das IES para dentro, reverberarão dos portões para fora. Uma instituição educacional não é um órgão aquém da sociedade, mas uma parte importante desta, onde estarão em formação política, social, emocional e individual seres que serão os movimentadores diretos das engrenagens sociais “amanhã”. “É exatamente por ser uma instituição social diferenciada e definida por sua autonomia intelectual que a universidade pode relacionar-se com o todo da sociedade” (CHAUÍ, 2003, p. 02).

Assim, a educação deve ser considerada e vista como parte indissociável da sociedade. Desse modo, o Ensino Superior constitui-se em um espaço de promoção da autonomia intelectual, motivador de sujeitos pensantes, engajados e atuantes socialmente. Sujeitos que, não só aprendem a conhecer, como também, aprendem a “fazer” e a “ser”.

Numa altura em que os sistemas educativos formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento de outras formas de aprendizagem, importa conceber a educação como um todo. Esta perspectiva deve, no futuro, inspirar e orientar as reformas educativas, tanto em nível da elaboração de programas como da definição de novas políticas pedagógicas. (DELORS, 1998, p. 101)

É necessária uma troca saudável de conhecimento, onde os discentes e todos os que compõem o Ensino Superior aprendam a pensar de forma racional, integrada e vislumbrem a educação como um todo, para que vejam suas futuras profissões, não apenas como uma forma de angariar lucro, mas principalmente, como uma valiosa ferramenta de engrandecimento social.

Os problemas sociais também devem ser vistos e discutidos dentro das IES, pois nelas se encontram as “potencias pensantes” de uma sociedade e é de onde saem grande parte das soluções dos problemas sociais; ou também, grande parte da causa do agravamento desses problemas, se forem formados profissionais obsoletos, que incham a comunidade, atrapalham o bom funcionamento social e não fazem nada para melhorar os problemas coletivos. Por isso, uma IES não deve apenas ser uma criadora de técnicos, mais uma incentivadora de valores humanos e de pessoas que crescem individualmente, mas também, preocupadas com o crescimento coletivo.

Elas [as IES] precisam buscar caminhos capazes de aflorar os valores humanos e ensejar o aparecimento de gestores comprometidos com aspectos sociais e éticos. [...] Seu fracasso compromete o desenvolvimento individual, social e profissional das pessoas, bem como, do Estado e País. (SILVA; LIMA, 2016, p. 52)

Uma educação superior realmente eficaz é aquela que oportuniza a troca de conhecimentos e habilidades, com o intento de formar profissionais tecnicamente competentes (SILVA; LIMA, 2016), mas também, para formar cidadãos, humanamente e socialmente, atuantes, comprometidos com a transformação social.

Não dá pra conceber uma sociedade saudável, sem IES fortes e engajadas com a mesma. Por conta disso, sociedade e instituições formadoras, não devem ser espaços antagônicos, atuantes em lados opostos de uma mesma arena. Pelo contrário, devem andar de mãos dadas e lutar juntos, em prol de um mundo melhor e bem desenvolvido, tanto em termos econômicos e principalmente, em termos humanos e valorativos de valores cidadãos.

Uma compreensão filosófica da educação: pelos olhos de Platão

Para um entendimento de como a educação influencia em uma sociedade bem sucedida, se fará necessário um mergulho pelo pensamento de grandes filósofos e educadores que passaram pela humanidade, entre eles, Paulo Freire e Platão, que, em sua República, afirmou que, para uma sociedade se erguer em patamares sólidos era de extrema importância uma educação robusta e igualitária, para que assim, todos tivessem uma noção de seus deveres sociais e fossem, dessa forma, bem sucedidos na vida e como cidadãos atuantes e cientes de seus direitos (PLATÃO, 2014).

O filósofo afirmava que não era possível o funcionamento eficaz e justo de uma máquina estrutural da sociedade, sem que seus jovens fossem conscientes em suas escolhas profissionais, para que pudessem contribuir de forma que não fiquem aquém dos acontecimentos e, ao mesmo tempo, pudessem ser bem sucedidos em suas escolhas. Era uma via de mão dupla (PLATÃO, 2014).

Platão, personificado em Sócrates, em um de seus diálogos indaga um de seus ouvintes, sobre as consequências de uma escolha profissional mal orientada e mal executada, tanto para quem escolhe, quanto para a sua futura atuação no âmbito social. Platão afirma como é penoso para um ser humano executar uma tarefa que quase não lhe traz retorno: “Se adquire conhecimento lenta ou rapidamente. Ou supões que alguém poderia amar uma tarefa quando lhe é penoso realizá-la e quando muito empenho traz somente pouco retorno?” (PLATÃO, 2014, p. 254).

O filósofo enfatiza ainda sobre as más escolhas, quando diz: “E se nada pudesse reter do aprendizado porque tomado pelo esquecimento? Poderia deixar de estar vazio de conhecimento?” (PLATÃO, 2014, p. 254). Aqui, ele questiona sobre um conhecimento incompleto, onde saberes mal direcionados reverberam em um conhecimento obsoleto e inútil. O conhecimento que não é aplicado, de nada serve, já sentenciou Leonardo Da Vinci (1452-1519) (GHIRALDELLI JUNIOR, 1957).

Quando era perguntado sobre os pilares que devem reger uma sociedade próspera e justa, Platão (2014) falava que o maior bem que uma sociedade pode deixar para seus membros é uma boa educação. Para ele, era impossível que pessoas se desenvolvessem

de forma plena e, com isso, fossem cidadãos cientes de seus direitos e deveres, sem uma base educacional adequada.

Será agora necessário que a velha ideia de educação, como “repasse e cola” de informações seja deixada de lado, pois o grande mestre mostra um leque bem mais profundo. Para Platão (2014), a educação passava pelo intelecto, mas também, pelo corpo físico e por tudo o que envolvia o ser humano para que este se desenvolvesse de forma a dar vida a toda potência que já lhe é inata.

O filósofo afirmava que a educação passava pela Música e pela Ginástica, para que fosse considerada em sua totalidade. Mas, é bom que fique claro que, a Música não eram apenas melodias e notas musicais, mas as nove musas do conhecimento, que deveriam ser estudadas e seguidas para a plenitude do ser. Eram elas: Astronomia, Comédia, Dança, História, Música (agora sim melodias e notas musicais), Poesia Épica, Poesia Lírica, Retórica e Tragédia (PLATÃO, 2014).

Afirmava também, como que aprisionadas em uma caverna desde a infância, onde só podem olhar para reflexos de sombras na parede, provocados pela luz de uma fogueira logo atrás deles, mas que não podem se virar pra ver por que estão aprisionados por correntes. Então, tudo o que julgam existir são as sombras e as vozes de seus carrascos do lado de fora.

[...] imagina seres humanos habitando uma espécie de caverna subterrânea, com uma longa entrada acima aberta para a luz e tão larga como a própria caverna. Estão ali desde a infância, fixados no mesmo lugar, com pescoços e pernas sob grilhões, unicamente capazes de ver à frente, visto que seus grilhões os impedem de virar suas cabeças. Imagina também a luz de uma fogueira acesa distância, acima e atrás deles. Também atrás deles, porém num terreno mais elevado, há uma vereda que se estende entre eles e a fogueira. Imagina que foi construído ao longo dessa vereda um muro baixo, como o anteparo diante de manipuladores de marionetes acima do qual eles os exibem. (PLATÃO, 2014, p. 289)

Com seu clássico “Mito da Caverna”, Platão alerta para os perigos que a falta da educação acarreta para a sociedade, pois produz cidadãos facilmente manipuláveis e que se contentam com migalhas de informações, mantendo-se aprisionados mais ainda, pois

“não dá para ‘ensinar’ para aquele que acha que já sabe tudo” (EPICTETO, 50 - 138 a. C.) A ignorância é um “prato cheio” para governantes aproveitadores, pois um povo ignorante é um povo facilmente controlado pelo “cabresto” (EPICTETO, 1941). Um povo ignorante tem seus direitos desrespeitados, não sabe de seus deveres, não se atenta para as manipulações, é extremamente moldável ao bel prazer dos poderosos, se contenta com “migalhas de direitos” e ainda agradece por isso.

Para Platão (2014), a educação vai muito além dos muros de uma instituição, ela é o vetor direto para a movimentação social. Dependendo de como é executada, pode ser um vetor positivo para formar um cidadão consciente e atuante e, com isso, propiciar seu desenvolvimento pleno e integrado às necessidades sociais ou contribuir para um cidadão fragilizado pelas mazelas sociais, preocupado apenas com seu individualismo, incapaz de contribuir para o bom funcionamento da comunidade em que está inserido, enfim, marionete para o teatro grotesco do: “Eu finjo que faço, você finge que acredita (às vezes até acredita mesmo) e a sociedade finge que evolui”.

Platão (2014) alerta ainda, para a falta de uma educação adequada (nos moldes mencionados) daqueles que estão à frente dos preceitos governamentais da sociedade. “E quanto aos não educados que não tem conhecimento verdadeiro? Não é provável, ou melhor, não se conclui necessariamente do que dissemos antes que jamais governarão adequadamente um Estado?” (PLATÃO, 2014, p. 295). É impossível que uma sociedade se desenvolva de forma justa, sem que seus membros tenham a tão falada educação. Tanto os que governam, quanto os governados, necessitam ter ciência de seus direitos e deveres e ambos devem ser respeitados.

Conhecimento filosófico e formação cidadã e emancipada: por uma concepção aplicada às escolhas do jovem e à formação profissional

A escolha do curso superior que determina sua profissão no meio social, questão enfatizada neste estudo, parte do propósito de se destacar que, a influência arcaica de escolhas profissionais, pelo simples quesito de *status* e influenciada pela cobiça de lucros,

advinda das IES pode ser crucial, não só para o acúmulo de diplomas sem serventia, mas para a frustração profissional e o mau funcionamento da máquina social.

Platão (2014, p. 254) reflete: “E não achas que se seu esforço é em vão não acabará inevitavelmente por odiar a si mesmo e a própria profissão?” Quando a escolha da profissão é pautada por essa visão mercantilista, mercadológica e visando lucro financeiro fácil, gera uma angústia profissional e existencial. Isso faz com que a sociedade até tenha um profissional bem sucedido financeiramente, mas inapto a exercer um papel de cidadão ativo em questões sociais.

As engrenagens sociais não funcionarão de forma justa e integradora se as escolhas profissionais se pautarem apenas em escolhas individuais. “Então, não será razoável alegarmos em sua defesa que é da natureza do verdadeiro amante do conhecimento empenhar-se na busca do ser e não permanecer envolvido com a multiplicidade das coisas particulares que a opinião tem como ser?” (PLATÃO, 2014, p. 259).

Um indivíduo bem sucedido não deve ser apenas aquele que tem uma profissão que lhe dará *status* social e retorno financeiro lucrativo, mas um indivíduo que saiba indagar sobre os acontecimentos ao seu redor e seja atuante e ciente de seu posicionamento como cidadão. Por fim, que para além de uma peça no tabuleiro, seja também um jogador.

Mas considera, meu amigo, quando ele, por sua vez, eleva alguém a um nível superior e o induz a deixar de lado questões do tipo ‘Minha injustiça contra ti, ou a tua contra mim’ a favor de uma investigação da própria justiça e da própria injustiça: o que são e de que modo diferem de tudo o mais e entre si. (PLATÃO, 2007, p. 95)

O Ensino Superior não deve servir apenas para produzir diplomas e profissionais, mas para guiar cidadãos pensantes capazes de sopesar os problemas sociais e atuar para mudá-los. Ao mesmo tempo, cidadãos e profissionais conscientes, que além de terem uma bela casa ou um carro do ano, são capazes de pensar criticamente, saindo do papel de “reclamadores profissionais” para “profissionais reclamadores”, no sentido de verem

os problemas sociais e atuarem para resolvê-los e não apenas esperarem soluções “mágicas” caídas do céu.

Quando a cultura de antivalores se instala, as escolhas são embasadas apenas em ganhos e o próprio conhecimento fica ameaçado.

Passando radicalmente do aporte da Filosofia para a nossa época, constatamos a existência de uma cultura de antivalores. Na medida em que recebemos dados de forma reduzida, fato comum atualmente, não temos subsídios para entender o contexto completo dessas informações e o próprio conhecimento acaba sendo limitado. (ECHENIQUE; ALVES, 2009, p. 119)

Essa cultura é perigosa e nociva, pois cria uma visão errônea de IES produtoras de técnicos, que só estão preocupados com suas individualidades e crescimento financeiro, mas incapazes de observar os problemas sociais e agirem para ajudar a solucioná-los.

As IES devem apresentar ao discente, a importância de sua profissão para a sociedade, bem como, seu real comprometimento com esta, para que ele fique ciente da importante ferramenta de mudança social que ele possui, como um sujeito atuante e reflexivo, como aponta Freire (1979). Um sujeito que não se engaja nas necessidades de “sua sociedade” é um sujeito engajado com a desumanização. “Comprometer-se com a desumanização é assumi-la e, inexoravelmente, desumanizar-se também” (FREIRE, 1979, p. 19).

Para que alguém se comprometa socialmente é necessário uma formação humana, que lhe garanta um comprometimento consigo mesmo. Freire (1979, p. 19) explica: “Pois bem, se nos interessa analisar o compromisso do profissional com a sociedade, teremos que reconhecer que ele, antes de ser profissional, é homem. Deve ser comprometido por si mesmo”.

Para que o homem seja engajado socialmente, deve ter esse engajamento como objeto de conhecimento. Não tem como um ser se preocupar com as mazelas sociais se só é ensinado a se preocupar com o próprio “umbigo”. Por isso “a consciência reflexiva deve ser estimulada: conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade” (FREIRE, 1979, p. 30).

Estudantes do Ensino Superior são seres humanos que atuarão com e para outros seres humanos. Assim, tratá-los como meras “máquinas angariadoras de lucro” faz com que as escolhas profissionais sejam pautadas apenas no monetário, que o lado humano seja esquecido, que as IES “reproduzam diplomas inúteis” e que profissionais obsoletos sejam “produzidos em escala”.

Uma análise nos anais da história filosófica da humanidade, mostra, de forma inegável, que os resultados almejados por uma sociedade realmente funcional e justa, devem passar pela reformulação dos pensamentos atuais de uma educação obsoleta, baseada apenas no lucro.

Para que esse cenário de escolhas profissionais seja saudável e útil, tanto para quem escolhe, quando para a sociedade que recebe esses profissionais, uma boa orientação filosófica se faz indispensável. Pois, com ensinamentos voltados para incentivar o pensamento crítico e realmente democrático é que esses discentes, futuros “motores sociais”, saberão escolher de forma embasada e avaliativa suas carreiras e, com isso, saberão seus reais papéis sociais (GHIRALDELLI JUNIOR, 1957).

Essa visão filosófica e democrática está em total sintonia com os quatro pilares da educação, elencados pela UNESCO em 1998, quando aponta que, para que um indivíduo se torne um profissional realmente engajado à sociedade a qual está inserido e apto a ser agente transformador da realidade social, é necessário um “aprender a conhecer” e um “aprender a fazer”, de modo concatenado com um “aprender a viver juntos” e um “aprender a ser” (DELORS, 1998).

Ou seja, conhecimentos técnicos e específicos de cada área profissional são inegavelmente importantes, mas se tornam obsoletos e inúteis, quando não são unificados ao pensamento humanístico e crítico. Não precisamos de “máquinas pensantes”, mas de “seres humanos atuantes”.

O desenvolvimento da liberdade e do pensamento crítico representa uma mudança de paradigmas, que não deve ser temida. Pelo contrário, deve ser incentivada. O discente, que amanhã será um profissional inserido na engrenagem social precisa ser orientado por um pensamento crítico, como afirma Freire (1979, p. 51) “o trabalhador

social que opta pela mudança não teme a liberdade, não prescreve, não manipula, não foge da comunicação, pelo contrário, a procura e vive”.

O discente que atuará na sociedade munido de seu diploma universitário deve ser antes de tudo humano. Deve ser ensinado a ver e entender os problemas sociais e, com isso, tornar seus “títulos” realmente úteis à comunidade e ao país.

O trabalhador social que opta pela mudança não vê nesta uma ameaça. Adere à mudança da estrutura social porque reconhece esta obviedade: que não pode ser trabalhador social se não for homem, se não for pessoa, e que a condição para ser pessoa é que os demais também sejam. Ele está convencido de que se a declaração de que o homem é pessoa e como pessoa é livre não esteve associada a um esforço apaixonado e corajoso de transformação da realidade objetiva, na qual os homens se acham coisificados, então, esta é uma afirmação carece de sentido. (FREIRE, 1979, p. 51)

Mudar não é uma ameaça quando é para melhor. Diplomas inúteis, profissionais obsoletos e incapazes de um pensamento crítico e um não entendimento de uma verdadeira democracia só serão superados, com o engajamento de pessoas que se tornem reais trabalhadores sociais e não meros fantoches nas mãos de forças de poder, que intentam apenas reproduzir as mazelas sociais.

Considerações Finais

A escolha de um curso superior não influencia apenas a vida de quem escolhe, mas pode ser a linha que divide uma sociedade que realmente funcional e justa, de uma sociedade onde seus profissionais são obsoletos e incapazes de uma análise crítica e democrática socialmente.

Um cidadão desumanizado e aquém das necessidades de sua sociedade é um cidadão à margem de sua própria vivência, pois se torna instrumento fácil de manipulação pelos “movimentadores sociais”, que estão no poder e que se valem da incapacidade de criticidade de seus membros para enganar, persuadir e tornar a máquina social um mero “angariador de fundos”.

Para que uma IES realmente forme cidadãos profissionais é preciso o investimento em uma formação humanística e crítica. Formar técnicos não é garantia de profissionais preocupados com as necessidades sociais e realmente atuantes. Mas formar “humanos pensantes” é a garantia de, no mínimo, cidadãos inquietos, críticos e entendedores do significado de democracia.

Sendo assim, não é preciso receitas mágicas, viagens intergalácticas ou a volta ao mundo em 80 dias, como relata o escritor francês Júlio Verne, em seu homônimo romance de aventura, lançado em 1873 (VERNE, 1970). No caso abordado neste estudo, basta um mergulho nos ensinamentos de pensadores do ontem e do hoje, como Platão e Paulo Freire, respectivamente, os quais já perceberam que a solução para uma sociedade desregulada e injusta, é a formação de pessoas engajadas com o meio social, cientes de seus problemas e necessidades e o mais importante, humanos em todas as acepções da palavra.

Referências

- CHAUÍ, Marilena de Souza. **A universidade pública sob nova perspectiva**. Conferência de abertura da 26ª reunião anual da ANPED, Poços de Caldas, 5 de outubro de 2003.
- DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. UNESCO; MEC; Cortez: São Paulo, 1998.
- DIAS, Maria Sara de Lima; SOARES, Dulce Helena Penna. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 272-283, 2012.
- ECHENIQUE, Michele; ALVES, Dimas Pincinato. **Filosofia e vocação para educadores**: Trilha A. e.d. Nova Acrópole. Belo Horizonte: Edições Nova Acrópole, 2009.
- EPICTETO. **O Manual de Epicteto, filósofo**. Trad. Frei Antônio de Sousa. São Paulo: Cultura, 1941.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Filosofia da educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1957.
- LIMA, Francisco Renato; REGO, Safira Ravenne da Cunha. Discursos, contradiscursos e memórias homoafetivas em espaços escolares: uma leitura histórico-discursiva de O Ateneu, de Raul Pompéia. In: LIMA, Francisco Renato; SILVA, Marcos Helam Alves da (Orgs.). **Linguagem em (con) texto: discurso e práticas cotidianas**. Teresina: EDUFPI, 2018, p. 91-120.

PLATÃO. **Diálogos I:** Teeteto (ou do conhecimento), Sofistas (ou do ser), Protágoras (ou sofistas). Tradução e textos complementares e notas Edson Bini. Bauru: Edipro, 2007.

PLATÃO. **A República (ou da justiça)**. Tradução e textos complementares e notas Edson Bini. 2. ed. Bauru: Edipro, 2014.

SILVA, Jovina da; LIMA, Francisco Renato. Avaliação institucional: fatores impulsionadores e restritivos na gestão do Ensino Superior. In: SILVA, Jovina da; LIMA, Francisco Renato (Orgs.). **Ensino Superior:** concepção, avaliação e planejamento. Teresina: FUESPI, 2016. p. 48-66.

TEMPOS Modernos. Direção e Roteiro: Charles Chaplin. Interpretes: Trabalhador da fábrica (Charles Chaplin); Ellen Peterson (Paulette Goddard); Dono da fábrica (Al Ernest Garcia) United Artists. EUA, 1936.1 vídeo (1:23:09).

VERNE, Júlio. **A volta ao mundo em 80 dias**. São Paulo: Companhia Distribuidora de Livros, 1970.